revista Litterarius
FILOSOFIA FAPAS
TEOLOGIA FAPAS
FAPAS Uma história para o futuro
Vol. 12 | N. 02 | 2013 ISSN 2237-6291

UMA ESPÉCIE DE HISTÓRIA DA MINHA VIDA[1]

David Hume
Tradução: Jaimir Conte[*]

Caro Senhor,

[1] Não tendo familiaridade com esta caligrafia você provavelmente olhará para o final a fim de encontrar a assinatura e, ao não encontrar nenhuma, certamente se surpreenderá com esse estranho método de se dirigir a você. Inicialmente devo lhe pedir desculpas por isso e persuadir-lhe a ler o que se segue com alguma atenção, [e] devo dizer-lhe que isso lhe dará uma oportunidade para fazer uma ação bondosa, que acredito que seja o mais poderoso argumento que posso usar. Não preciso dizer-lhe que sou seu conterrâneo, um escocês, pois, sem qualquer vínculo semelhante[,] ouso confiar em sua humanidade, mesmo a um perfeito desconhecido, tal como eu sou. O favor que lhe peço é seu conselho, e a razão pela qual me dirijo em particular a você não precisa ser dita. Como deve ser um médico habilidoso, um homem de letras, de engenho, de bom senso e de grande humanidade para me oferecer uma resposta satisfatória, gostaria que a fama tivesse me apontado mais pessoas em quem estas qualidades se encontram unidas, a fim de ter me mantido algum tempo em suspense. Digo isso com toda sinceridade de meu coração, e sem qualquer intenção de fazer um elogio. Pois embora possa parecer necessário que no início de uma carta tão incomum eu devesse dizer

[1] *Uma espécie de história de minha vida* (*A kind of history of my life*), ou *Carta a um médico* (*A Letter to a Physician)*, é uma carta escrita por Hume (1711-1776), endereçada em março ou abril de 1734 a um médico não identificado (segundo Norton provavelmente John Arbuthnot ou George Cheyne), na qual Hume pede alguns conselhos para continuar com o seu trabalho filosófico. O título atual é extraído do primeiro parágrafo. A carta foi escrita em 1734, um pouco antes de Hume viajar para Bristol, onde, "forçado a fazer uma rápida incursão em uma vida mais ativa", conforme relata em sua autobiografia *Minha vida*, buscou empregar-se no comércio. A importância dessa carta reside no seu caráter autobiográfico e nos comentários que Hume faz sobre seu projeto filosófico.
A carta foi publicada originalmente em *Life and correspondence of David Hume*, John Hill Burton (Ed.), Edinburgh 1846, v. 1, p. 30-39; ela foi reproduzida em *The Letters of David Hume*. Grey, J. Y. T. (ed.) Oxford: Clarendon Press, 1932, 2v; v.1, n.3, p. 12-18, e pode ser encontrada também em *The Cambridge companion to Hume*, David Fate Norton, Jacqueline Taylor (ed.) 2 ed. Cambridge University Press, 2009, p. 515-522. Para essa tradução consultamos o texto original conforme apresentado nas duas últimas edições aqui mencionadas.

[*] Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo - USP (2004). Coordenador do Departamento de Filosofia da UFSC. E-mail: conte@cfh.ufsc.br

algumas coisas agradáveis para granjear sua opinião favorável e remover quaisquer preconceitos que você possa imaginar a seu respeito, contudo, tal esforço para ser agradável não combinaria com a condição atual da minha mente, que, devo confessar, não deixa de ter ansiedade a respeito do julgamento que irá formar a meu respeito. Confiando, no entanto, em sua franqueza e generosidade, deverei, sem mais demora, passar a expôr a você a atual condição da minha saúde, e, para fazer isso de maneira mais eficaz apresentarei a você uma espécie de história da minha vida, após a qual você compreenderá com facilidade porque mantenho o meu nome um segredo.

[2] Você deve saber então que desde minha mais tenra idade sempre tive uma forte inclinação para os livros e as letras. Como a nossa educação escolar na Escócia, indo pouco além [do estudo] das línguas, termina normalmente quando temos cerca de 14 ou 15 anos de idade, depois me vi livre para escolher minhas leituras e me achei inclinado quase igualmente para os livros de raciocício, filosofia, de poesia e de autores literários. Qualquer um que estiver familiarizado tanto com os filósofos como com os críticos sabe que ainda não há nada de estabelecido em qualquer uma dessas duas ciências, e que elas contêm pouco mais que intermináveis disputas, mesmo nos artigos mais fundamentais. Ao examiná-las, descobri um certo temperamento ousado crescendo em mim, o qual não estava inclinado a se submeter a qualquer autoridade nesses assuntos, senão que me levou a procurar algum meio novo através do qual a verdade pudesse ser estabelecida. Depois de muito estudo e reflexão sobre isso, finalmente, quando eu tinha cerca de 18 anos de idade, pareceu abrir-se para mim um novo cenário do pensamento, que me transportou além dos limites, e me fez, com um fervor natural para um jovem, renunciar a qualquer outro prazer ou atividade para dedicar-me inteiramente a ele. O Direito, que era a ocupação que eu pretendia seguir, parecia-me nauseante, e eu não conseguia pensar em outra maneira de levar adiante minha sorte no mundo, a não ser a de um intelectual e filósofo. Fui infinitamente feliz nesse curso de vida durante alguns meses, até que, finalmente, perto do início de setembro de 1729, todo o meu entusiasmo me pareceu, num instante, ter-se extinto, e eu já não podia levantar a minha mente para essas alturas, que antes me davam um prazer excessivo. Eu não sentia nenhuma inquietude ou desânimo, quando deixei de lado meu livro, e, portanto, nunca imaginei que houvesse qualquer indisposição corporal no caso, mas que minha indiferença proviesse de um temperamento preguiçoso, que devia ser superado, redobrando minha aplicação. Permaneci neste estado

durante nove meses, muito desconfortável para mim, como você bem pode imaginar, mas sem piorar, o que foi um milagre.

[3] Houve outro particular que contribuiu mais do que qualquer coisa para enfraquecer meu ânimo e me ocasionar essa indisposição, e este foi que, depois de ter lido muitos livros sobre moral, tais como os de Cícero, Sêneca e Plutarco, e ser afetado com suas belas representações da virtude e da filosofia, empreendi a melhoria de meu temperamento e da minha vontade, juntamente com a minha razão e entendimento. Estava continuamente me fortalecendo através de reflexões contra a morte, pobreza, degradação, dor, e todas as outras calamidades da vida. Essas são, sem dúvida, muitíssimo úteis quando combinadas com uma vida ativa, porque quando a ocasião se apresenta juntamente com a reflexão, atua na alma, e faz a reflexão assumir uma profunda impressão; mas na solidão as reflexões não servem para quase nenhum propósito a não ser para enfraquecer o ânimo, a força da mente se encontrando sem resistência, mas se perdendo no ar, como o nosso braço quando erra seu alvo. Isso, porém, eu não aprendi senão pela experiência, e depois de ter arruinado minha saúde; contudo, eu não tinha consciência disso.

[4] No primeiro inverno em que adoeci apareceram algumas manchas de escorbuto em meus dedos, sobre as quais eu consultei um médico muito conhecido, que me deu alguns remédios que eliminaram esses sintomas, e ao mesmo tempo me deu um conselho contra a depressão[2], da qual, embora eu estivesse sujeito naquele tempo, imaginei-me tão distante – e na verdade de qualquer outra doença, exceto de um ligeiro escorbuto –, que desprezei seu conselho. Em abril de 1730, quando eu tinha 19 anos de idade, um sintoma, que eu tinha notado um pouco desde o início, aumentou consideravelmente, de modo que embora não houvesse preocupação, a novidade disso me fez pedir conselhos. Era o que eles chamam de ptialismo ou salivação na boca. Ao mencionar isso a meu médico, ele riu de mim, disse-me que eu era agora um irmão, porque tinha acabado de adquirir a doença dos doutos. Ele encontrou grande dificuldade para me persuadir disso, não encontrando em mim aquela fraqueza de ânimo da qual tanto se queixam aqueles que estão sujeitos a essa indisposição. Entretanto, sob seu conselho submeti-me a uma dieta de pílulas amargas e anti-histéricas. Bebia um quartilho de vinho tinto todos os dias e cavalgava 8 ou 10 milhas escocesas. Continuei isso durante cerca de 7 meses subsequentes.

[2] "vapours" no original, termo arcaico designando hipocondria, depressão ou melancolia (N. do T.)

[5] Embora lamentasse encontrar-me comprometido por uma enfermidade tão tediosa, ainda o conhecimento a seu respeito me deixava bastante tranquilo, ao me certificar que minha indiferença acima mencionada não procedia de nenhum defeito de temperamento ou de gênio, mas de uma doença, a qual qualquer um pode estar sujeito. Comecei então a ter alguma indulgência em relação a mim mesmo. Passei a estudar moderadamente e somente quando achava que minha disposição estava no auge, parando antes que estivesse cansado e passando o resto do meu tempo da melhor maneira que podia. Desse modo, vivi com bastante satisfação, e no meu retorno à cidade no inverno seguinte achei meu ânimo muito revigorado, de modo que, embora ele cedesse nos vôos mais altos de gênio, não obstante pude fazer progressos consideráveis em meus projetos anteriores. Mantive uma dieta e um modo de vida muito regular desde o início, e durante todo aquele inverno transformei em uma regra constante passear a cavalo duas ou três vezes por semana e caminhar todos os dias. Por essas razões eu esperava, quando retornasse ao campo e pudesse renovar meus exercícios com menos interrupções, que me recuperasse perfeitamente. Mas eu estava muito enganado quanto a isso. Pois no verão seguinte, perto de maio 1731, nasceu [em mim] um apetite muito voraz, e com uma rápida digestão, o que a princípio tomei como um bom sintoma, e fiquei muito surprezo ao descobrir que ele trouxe de volta as palpitações do coração que eu sentia muito pouco antes. Esse apetite, no entanto, teve um efeito muito incomum, que foi o de me alimentar muito, de modo que num período de seis semanas passei de um extremo ao outro, e sendo antes alto, magro, e esquelético, tornei-me, de repente, o mais resistente, robusto e saudável camarada que você já viu, com uma aparência corada e um semblante alegre. Como desculpa para meu passeio a cavalo e cuidado com a minha saúde eu sempre dizia que receava uma tuberculose, o que facilmente se acreditava pelo meu aspecto, mas agora toda gente me cumprimenta pela minha recuperação completa. Esse apetite anormal passou aos poucos, mas deixou-me como legado a mesma palpitação do coração num grau menor, e uma boa dose de gases em meu estômago, que saem facilmente e sem qualquer gosto ruim, como é comum. Entretanto, esses sintomas constituem pouca ou nenhuma preocupação para mim. Eu me alimento bem, durmo bem. Não tenho nenhuma fraqueza de ânimo, pelo menos nunca mais do que aquela que uma das pessoas mais saudáveis pode sentir em consequência de uma refeição exagerada, de sentar muito perto de um fogo, e até mesmo esse grau eu raramente sinto, e quase nunca de manhã ou antes do meio-dia. Aqueles que vivem na mesma família comigo, e me veem em todos os momentos, não conseguem observar a menor alteração em

meu humor, e de preferência me consideram uma companhia mais agradável do que eu era antes, visto que prefiro passar a maior parte do meu tempo com eles. Isso me deu tal confiança que quase nunca perdi um dia de equitação, salvo no inverno; e no verão passado levei a cabo uma tarefa muito trabalhosa, que foi percorrer 8 milhas[3] todas as manhãs e, como muitos antes do meio-dia, indo para uma fonte mineral bastante conhecida e voltando de lá. Eu renovei as pílulas amargas e os sucos contra a histeria duas vezes, juntamente com sucos contra o escorbuto na primavera passada, mas sem qualquer efeito considerável, exceto diminuir os sintomas por algum tempo.

[6] Assim, apresentei a você um relato completo da condição do meu corpo, e, sem parar para me desculpar, como deveria fazer, por uma história tão tediosa, explicarei a você como a minha mente ficou nesse tempo todo, a qual em todas as ocasiões, especialmente nessa enfermidade, tem uma relação muito estreita com a condição do corpo. Tendo então tempo e ócio para esfriar minha imaginação exaltada, comecei a considerar seriamente como deveria prosseguir em minhas investigações filosóficas. Descobri que a filosofia moral transmitida a nós pela Antiguidade trabalhou sob a mesma inconveniência que tem sido encontrada em sua filosofia natural, a de ser inteiramente hipotética, e depender mais da invenção do que da experiência. Cada qual consultou sua imaginação para erigir esquemas de virtude e de felicidade, sem considerar a natureza humana, na qual todas as conclusões morais devem se basear. Por esse motivo resolvi fazer desta o meu principal estudo e a fonte da qual deveria derivar toda verdade na crítica bem como na moralidade. Creio ser um fato certo que a maioria dos filósofos que nos precederam foram subvertidos pela grandeza do seu gênio, e que pouco mais é necessário para que um homem seja bem sucedido neste estudo além de desfazer-se de todos os preconceitos, quer a respeito de suas próprias opiniões, quer a respeito daquelas dos outros. Pelo menos disso é tudo de que dependo para a verdade dos meus raciocínios, os quais eu multipliquei a tal ponto que dentro desses três anos acho que esbocei uns quantos cadernos de almaço nos quais não há nada contido senão minhas próprias invenções. Isso com a leitura de muitos livros famosos em latim, francês e inglês, e aprendendo o italiano, você pode pensar que era uma ocupação suficiente para alguém em perfeita saúde; e realmente seria se tivesse sido feita para alguma finalidade. Mas a minha doença era um fardo cruel sobre mim. Percebi que não era capaz de levar ao cabo qualquer linha de raciocínio, por uma perspectiva contínua, mas por interrupções repetidas, e

[3] Ou seja, cerca de 13 km. (N. do T.)

descansando meu olhar de vez em quando sobre outros objetos. Não obstante este inconveniente, reuni o material bruto para muitos volumes, mas ao traduzir esse material em palavras, quando se deve apresentar as ideias compreendidas de modo geral, aproximar-se dele de modo a contemplar seus mínimos detalhes, e mantê-lo constantemente sob o olhar, de modo a copiar as partes em ordem, isso eu achei impraticável para mim, nem meu ânimo estava à altura de uma tão dura ocupação. Aqui reside a minha maior calamidade. Eu não tinha esperanças de apresentar minhas opiniões com tanta elegância e clareza de modo a atrair a atenção do mundo, e preferiria viver e morrer na obscuridade do que produzir tais volumes mutilados e imperfeitos.

[7] Dificilmente me lembro de ter ouvido falar de uma decepção tão grande. A pequena distância entre mim e uma sanidade perfeita torna-me mais apreensivo em minha situação atual. É uma fraqueza ao invés de uma fraqueza do espírito o que me incomoda, e parece haver uma diferença tão grande entre a minha indisposição e a depressão comum, como entre a depressão e a loucura.

[8] Tenho notado nos escritos dos místicos franceses e naqueles de nossos fanáticos atuais que, quando eles oferecem um relato do estado de suas almas, eles mencionam uma indiferença e abandono de ânimo, que freqüentemente retorna, e que alguns deles, no começo, foram atormentados com isso muitos anos. Como esse tipo de devoção depende inteiramente da força da paixão, e, consequentemente, dos espíritos animais, muitas vezes pensei que o caso deles e o meu eram muito parecidos, e que suas admirações arrebatadoras poderiam transtornar a estrutura dos nervos e do cérebro, tanto quanto reflexões profundas e aquele fervor ou entusiasmo que é inseparável deles.

[9] Seja como for, eu não saí do transtorno tão bem como eles geralmente nos dizem que fizeram, antes, comecei a me desesperar ao cogitar nunca me recuperar. Para livrar-me dessa melancolia de uma perspectiva tão sombria, minha única segurança estava em reflexões impertinentes sobre a vaidade do mundo e de toda a glória humana, as quais, embora possam ser consideradas sentimentos adequados, percebi que nunca podia ser sincero exceto em relação àqueles que os possuem. Tendo consciência de que toda minha filosofia nunca me contentaria na minha situação atual, comecei a me animar, e sendo encorajado por exemplos de recuperação de estágios piores dessa doença, assim como pelas garantias de meus médicos,

comecei a pensar em algo mais eficaz do que tinha até então experimentado. Descobri que, como há duas coisas muito prejudiciais para essa doença, estudo e ociosidade, também há duas coisas muito salutares, ocupação e diversão, e que todo o meu tempo era gasto com as prejudiciais, e pouco ou nenhum com as salutares. Por essa razão decidi procurar uma vida mais ativa, e, embora eu não pudesse abandonar as minhas pretensões em relação ao saber, a não ser com meu último suspiro, deixei-as de lado por algum tempo, a fim de retomá-las de maneira mais eficaz.

[10] Após um exame descobri que a minha escolha se restringia a dois tipos de vida: a de um tutor ambulante e a de um comerciante. A primeira, além de ser em alguns aspectos uma vida inativa, era, eu achava, imprópria para mim, e isso por causa de uma forma de vida sedentária e retirada, de um temperamento tímido, e de uma fortuna limitada, eu estava pouco acostumado às empresas em geral, e não tinha confiança e conhecimento suficiente do mundo para aumentar a minha fortuna ou ser útil nesse sentido. Por isso decidi escolher a vida de um comerciante, e tendo obtido recomendação de um importante comerciante de Bristol, estou justamente agora indo para lá, com uma resolução de esquecer-me de mim mesmo e de tudo o que é passado para entregar-me, na medida do possível, àquele modo de vida, e lançar-me no mundo, de um polo a outro, até deixar essa doença para trás.

[11] Como vim de Londres a caminho de Bristol decidi, se possível, obter o seu conselho, embora tenha tomado esse absurdo método de obtê-lo. Todos os médicos que consultei, ainda que muito competentes, nunca conseguiram explicar a minha doença, porque, não sendo pessoas de grande conhecimento para além da sua própria profissão, não estavam familiarizados com esses movimentos da mente. A fama de que você goza chamou-me atenção para você como a pessoa certa para resolver minhas dúvidas, às quais eu poderia atribuir a todos os tipos de medos e esperanças inerentes à forma persistente da doença, e eu estava determinado a ter alguma opinião sólida. Espero ter sido detalhado o suficiente ao descrever os sintomas para permitir-lhe formar um juízo, ou melhor, talvez eu tenha sido muito detalhado. Mas você sabe que um sintoma dessa enfermidade é deleitar-se em reclamar e falar de si mesmo.

[12] As perguntas que eu humildemente gostaria de propor a você são: Se, entre todos os estudiosos que você conhece, você já tomou conhecimento de alguém afetado dessa maneira?

Se posso ter esperança de recuperação? Se devo esperar muito por isso? Se a minha recuperação será perfeita, e meu ânimo recuperará sua energia e vigor, de modo a suportar a fadiga do pensamento profundo e abstruso? Se tomei um caminho certo para me recuperar? Acredito que todos os remédios apropriados foram usados, e, portanto, não preciso falar nada sobre eles.

* * *